

## PLUTARCO, SÓLON E A METÁFORA POLÍTICA DA SUPERFÍCIE CALMA DO MAR\*

Delfim F. Leão\*\*

### **Resumo:**

*Este artigo analisa alguns dos versos de Sólon (frgs. 9,1-2 e 12 West) transmitidos por Plutarco na **Vida de Sólon**, bem como os comentários feitos pelo biógrafo sobre o significado estrutural dessas composições no que respeita ao pensamento filosófico “simplista” do poeta ateniense. Juntamente com o frg. 9, também os frgs. 10 e 11 West são apresentados pelos seus testemunhos como avisos contra a tirania de Pisístrato. Que a ideia de tirania estava muito presente na poesia de Sólon é indiscutível, mesmo que os seus sentimentos em relação a essa forma de governo nem sempre sejam claros. Tendo como pano de fundo a noção de tirania como uma “forma musculada de governo”, propõe-se uma nova explicação para a imagem da tranquilidade imperturbada da superfície do mar, que Sólon descreve no frg. 12,2 como **δικαιοτάτη**: “a mais reta”, “a mais justa”, ou “a mais calma”.*

**Palavras-chave:** Plutarco; Sólon; filosofia natural; tirania; política e metáforas marítimas.

O estudioso que pretenda investigar a personalidade e a obra de Sólon pode contar essencialmente com dois tipos de material: os salvados de sua atividade artística e legislativa, e as informações prestadas a propósito dele por outros autores.<sup>1</sup> Na verdade, essas várias fontes de informação encontram-se estreitamente entrelaçadas. Se, por um lado, devemos a transmissão do que resta da sua poesia e leis a autores antigos que mencionam o trabalho do legislador ateniense e primeiro poeta ático, por outro aqueles

---

\* Recebido em 10/10/2014 e aceito em 31/10/2014.

\*\* Professor catedrático do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (UC).

mesmos fragmentos são fundamentais para a reconstrução do contexto histórico em que Sólon viveu – um período particularmente turbulento na história de Atenas durante a época arcaica. A percepção correta dessas condicionantes é tão essencial quanto complexa, se se tiver em consideração que as primeiras referências concretas ao grande legislador são fornecidas por fontes escritas muito tempo após a sua morte. Além dessa limitação, não se deve esquecer que Solon foi também objeto de um processo de idealização, que influenciou o retrato mais ou menos (im)parcial facultado pelos testemunhos antigos sobre a sua atividade e existência. Portanto, além da escassez de informação direta sobre o período recuado da época arcaica em que ele viveu, tem-se de igual modo de enfrentar a limitação de lidar com dados que não têm a mesma validade histórica – condicionantes que exigem uma atenção especial – de outra forma, pode-se facilmente ser induzido em erro e comprometer a precisão da pesquisa.

Além do fato de Sólon constituir uma figura de primeira importância na galeria dos estadistas atenienses, ele incorpora igualmente a imagem paradigmática de um homem sábio especial, que iria alimentar a imaginação literária durante séculos, como é mostrado, em particular, pelos numerosos tratamentos literários e artísticos do seu encontro com Creso – o monarca lídio que, do alto pedestal da riqueza brilhante e de um imenso poder, tinha caído no abismo escuro e solitário da desgraça. Mesmo sendo altamente improvável em bases cronológicas, essa famosa entrevista, que tem como pano de fundo o conceito de felicidade, atraiu muita atenção depois de sua primeira expressão literária em Heródoto (**Histórias** I) – porque constitui um relato notável da sabedoria de Sólon, uma qualidade que, juntamente com o seu trabalho legislativo, acabaria por transformá-lo numa figura modelar tanto por razões éticas como políticas.<sup>2</sup> Ainda assim, este trabalho propõe-se a abordar outra característica que também contribuiu para tornar Sólon uma das grandes figuras da história grega: o fato, por vezes negligenciado, de ele ter sido também o primeiro poeta ático.

A opção estética de Sólon de colocar em verso reflexões cívicas e ideológicas, sendo embora geralmente reconhecida como muito útil do ponto de vista social e histórico, nem sempre atrai a atenção devida quando ponderada a partir de uma perspectiva literária e filosófica. A primeira razão parece residir na suposição, implícita ou diretamente assumida, de que os versos de Sólon não merecem um lugar de destaque na literatura grega. Embora tal desvalorização não seja nada justa, a sua verdadeira motivação

pode ser explicada, ao menos em parte, pela própria importância que o reformador tem no campo da história política e constitucional. Por outras palavras: o fato de Sólon ser um estadista importante parece legitimar, por assim dizer, um certo desprezo implícito por sua obra poética, como se fosse uma qualidade supérflua a alguém que já tinha alcançado notoriedade em um outro nível.

Outra explicação para essa injustiça relativa pode ser encontrada nas circunstâncias que acompanharam a transmissão dos poemas de Sólon, ou seja, no fato de os testemunhos antigos terem por costume citar a sua poesia para ilustrar aspectos da atividade do legislador. Embora essa prática possa, à primeira vista, parecer um mero exemplo de percepção literária baseada num biografismo de vistas curtas, a verdade é que tal tentativa é compreensível, à medida que os fragmentos poéticos, juntamente com os dados sobre as leis por ele promulgadas, se destacam como importante material de primeira mão para a compreensão de sua obra enquanto reformador político. No entanto, mesmo sendo legítimo considerar os versos de Sólon como fonte de natureza histórica, isto não elimina dever-se fazer o mesmo tipo de operação a partir de um ponto de vista estético e filosófico.

Os poemas de Sólon podem ser analisados de muitas maneiras diferentes, mas há dois aspectos fundamentais que não devem ser deixados de fora de qualquer abordagem mais profunda: o tipo de informação facultada e a expressão plástica adotada para transmiti-la. Tal metodologia enfrenta, no entanto, uma limitação inegável, que deriva do fato de os fragmentos preservados da poesia de Sólon não atingirem sequer as três centenas de versos. Por outro lado, há indícios de que a parte que falta seria muito mais extensa, como pode ser deduzido a partir de um passo em Diógenes Laércio (1,61), em que o doxógrafo diz que o legislador ateniense teria composto milhares de versos. Embora as informações fornecidas por Diógenes aconselhem, neste caso em particular, alguma retração metódica (com efeito, a produção poética prolífica parece representar um traço recorrente na sua caracterização da figura dos sábios tratados no Livro I das **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**), ainda assim não é improvável que apenas uma pequena percentagem da poesia de Sólon tenha chegado até nós, limitação que condiciona bastante a sua apreciação como um todo.

Pelo que se conhece da produção artística de Sólon, não se pode dizer que ele seja o maior poeta da época arcaica, mas há, no entanto, razões mais do que suficientes para considerá-lo um poeta a pleno direito.<sup>3</sup> Nos seus

versos, além de um uso muitas vezes original da tradição literária anterior (especialmente da linguagem homérica), a vivacidade das metáforas com que ele descreve e visualiza a mundividência expressa nos poemas é particularmente distintiva do seu estilo<sup>4</sup>. Ele surpreende mesmo, por outro lado, ao sublinhar o progresso intelectual trazido pela idade,<sup>5</sup> uma atitude nova e desafiadora quando confrontada com a sensibilidade ao estilo do *carpe diem* que domina o pessimismo latente de poesia grega arcaica em geral. Além disso, não se podem esquecer as reflexões sobre o funcionamento do mundo ou sobre a relação entre a natureza humana e a vontade divina, que são apresentadas em uma das mais justamente famosas composições da literatura grega: a chamada **Elegia às Musas** (frg. 13). No entanto, o que a sua poesia registra de maneira mais paradigmática é a expressão apaixonada de uma ética ao serviço da pólis e da comunidade, tal como aparece expressa de forma tão sublime em composições como **Elegia a Salamina** (frgs. 1-3), **Eunomia** (frg. 4), ou naquelas em que Sólon faz a defesa global da sua obra legislativa (e.g. frg. 36). Se nada mais existisse, bastariam esses dados para garantir-lhe um lugar por direito próprio na história da literatura grega.

Não é, porém, objetivo deste estudo refletir sobre a poesia de Sólon como um todo, mas apenas analisar mais em pormenor alguns dos versos (frgs. 9, 1-2 e 12) transmitidos por Plutarco em **Vida de Sólon**, bem como as observações que o biógrafo tece sobre o significado estrutural dessas composições no que respeita ao pensamento filosófico do poeta. Antes de mencionar esses versos, Plutarco refere dois outros fragmentos poéticos (15 e 31) para sublinhar que Sólon, impulsionado por necessidades econômicas, se dedicou ao comércio na fase inicial da vida, e que a existência de perigo – característica da atividade comercial – teria deixado as suas marcas na “forma mais vulgar do que filosófica” (3.1: τὸ φορτικώτερον ἢ φιλοσοφώτερον) com que ele fala sobre o prazer em sua poesia. Plutarco considera ainda que o estadista começou por compor poemas frívolos para sua própria diversão (3.4: παίζων ἔοικε προσχρήσασθαι καὶ τέρπων ἑαυτὸν ἐν τῷ σχολάζειν), mas depois decidiu passar também para verso máximas filosóficas (γνώμας ... φιλοσόφους), ensinamentos políticos, admoestações aos atenienses e até mesmo leis (citando como exemplo, o *incipit* de frg. 31). Após essa apreciação global sobre os versos de Sólon, Plutarco apresenta ainda algumas considerações adicionais sobre o pensamento do poeta no que diz respeito à filosofia, as quais seria pertinente evocar mais em pormenor (**Vida de Sólon**, 3, 6-8):

*φιλοσοφίας δὲ τοῦ ἠθικοῦ μάλιστα τὸ πολιτικόν, ὥσπερ οἱ πλείστοι τῶν τότε σοφῶν, ἠγάπησεν. ἐν δὲ τοῖς φυσικοῖς ἀπλοῦς ἐστὶ λίαν καὶ ἀρχαῖος, ὡς δῆλον ἐκ τούτων·* (frs 9,1-2 e 12)

*ἐκ νεφέλης πέλεται χιόνος μένος ἡδὲ χαλάζης,  
βροντῆ δ' ἐκ λαμπρᾶς γίνεται ἀστεροπῆς.  
ἐξ ἀνέμων δὲ θάλασσα ταράσσεται· ἦν δέ τις αὐτὴν  
μὴ κινῆ, πάντων ἐστὶ δικαιοτάτη.*

*καὶ ὅλως ἔοικεν ἢ Θάλεω μόνου σοφία τότε περαιτέρω τῆς χρείας ἐξικέσθαι τῇ θεωρίᾳ· τοῖς δ' ἄλλοις ἀπὸ τῆς πολιτικῆς ἀρετῆς τοῦνομα τῆς σοφίας ὑπῆρξε.*

*No campo da filosofia ética, deu preferência, tal como a maioria dos sábios de então, à dimensão política; já no das ciências naturais, revela-se muito simplista e arcaico, como ilustram estes versos:*

*Da nuvem parte a fúria da neve e do granizo,  
e o trovão se gera do brilhante relâmpago.  
Com os ventos o mar se encapela; mas quando nada  
o perturba, de todas as coisas é a mais reta. (δικαιοτάτη)*

*Em suma, parece que somente o saber de Tales terá, naquela altura, avançado para além da utilidade prática, ao servir-se da indagação teórica. Quanto aos restantes, é da excelência política que lhes vem a reputação de sabedoria.*

Antes de analisar as declarações de Plutarco de forma mais detalhada, pode sublinhar-se desde já o fato de a citação da poesia de Sólon, neste caso em particular, combinar os dois primeiros versos do frg. 9 com outros dois versos de um poema diferente, correspondendo ao frg. 12 na edição do West. Com efeito, uma versão mais extensa da frg. 9 é conhecida a partir de Diodoro Sículo, que explica que esta elegia foi apresentada por Sólon aos atenienses como forma de os avisar sobre o risco iminente da tirania de Pisístrato. Vale por isso a pena evocar todo o passo (9,20,1-2):

*Ἵτι Σόλων ὁ νομοθέτης παρελθὼν εἰς τὴν ἐκκλησίαν παρεκάλει τοὺς Ἀθηναίους καταλύειν τὸν τύραννον πρὶν τελέως ἰσχυρὸν γενέσθαι. οὐδενὸς δὲ αὐτῷ προσέχοντος ἀναλαβὼν τὴν*

πανοπλίαν προῆλθεν εἰς τὴν ἀγορὰν γεγηρακῶς, καὶ τοὺς θεοὺς ἐπιμαρτυρόμενος ἔφησε καὶ λόγῳ καὶ ἔργῳ τῇ πατρίδι κινδυνευοῦσα βεβοηθῆκεναι τὸ κατ' αὐτὸν μέρος· τῶν δὲ ὄχλων ἀγνοούντων τὴν ἐπιβολὴν Πεισιστράτου συνέβη τὸν Σόλωνα τάληθ' ἰδὼντα παραπέμπεσθαι. λέγεται δὲ Σόλων καὶ προειπεῖν τοῖς Ἀθηναίοις τὴν ἐσομένην τυραννίδα δι' ἐλεγεῖων·

ἐκ νεφέλης πέλεται χιόνος μένος ἢ δὲ χαλάζης,

βροντῆ δ' ἐκ λαμπρᾶς γίνεται ἀστεροπῆς.

ἀνδρῶν δ' ἐκ μεγάλων πόλις ὄλλοται, εἰς δὲ μονάρχου

δῆμος αἰδῶριμι δουλοσύνην ἔπασεν.

λίην δ' ἐξάραντ' <οὐ> ράιδιόν ἐστι κατασχεῖν

ὔστερον, ἀλλ' ἤδη χρῆ <καλᾶ> πάντα νοεῖν.

*O legislador Sólon avançou certa vez para o meio da Assembleia e exortou os Atenenses a derrubarem o tirano, antes de ele se tornar todo-poderoso. E como ninguém lhe prestasse atenção, ele pegou na sua armadura completa e dirigiu-se para a ágora, embora fosse já de idade avançada; tomando então os deuses como testemunhas, declarou que, por palavras e obras, e na medida das suas possibilidades, ele tinha vindo em auxílio da pátria, sempre que se encontrava em perigo. Mas dado que a população não se apercebia das intenções de Pisístrato, aconteceu que Sólon, embora dissesse a verdade, não foi levado a sério. E conta-se que Sólon anunciou ainda, aos atenienses, a chegada iminente da tirania em verso elegíaco:*

*Da nuvem parte a fúria da neve e do granizo,*

*e o trovão se gera do brilhante relâmpago;*

*à conta de homens poderosos, a cidade se arruína e o povo,*

*por ignorância, na servidão de um só governante caiu.*

*Ao que muito se exalçou fácil não será conter,*

*mais tarde; é agora que importa em tudo bem refletir.*

Ao introduzir a citação dos frgs. 9,1-2 e 12, Plutarco diz que estes versos ilustram o fato de Sólon ser simplista e arcaico no campo das ciências naturais (*ἐν δὲ τοῖς φυσικοῖς ἀπλοῦς ἐστι λίαν καὶ ἀρχαῖος*).<sup>6</sup> Apesar de esta declaração passar, por vezes, despercebida aos estudiosos, a verdade é que ela parece ser confirmada pelo uso que o poeta faz de *dike* ao nível cosmológico e naturalista. Por outras palavras, Sólon reconhece a existência no mundo de uma noção imanente de reciprocidade e equilíbrio, uma ordem natural e universal – posição que tem sido interpretada como um paralelo com o valor de *dike* no sistema cosmológico de Anaximandro. Com efeito, JAEGER está entre aqueles que primeiro salientaram esse aspecto, falando do “Erkenntnis eines sinnvollen immanenten Gesetzes”, e muitos outros seguiram a mesma linha de raciocínio.<sup>7</sup> Que Sólon poderia ter entrado em contato com a filosofia iônica é uma hipótese indiretamente sustentada pela tradição de sua *apodemia*, cuja historicidade, embora alvo de disputa, tem consistência suficiente para ser aceita como uma possibilidade muito plausível.<sup>8</sup> Está, no entanto, para além dos objetivos desta análise discutir em detalhe a possível relação de Sólon e Anaximandro. Para o caso basta sublinhar que Sólon não é necessariamente tão simplista ou ingênuo quanto Plutarco afirma, pela forma como trata a causalidade física dos fenômenos naturais – pelo contrário, ele situa-se, muito provavelmente, na mesma linha das especulações meteorológicas da filosofia iônica sua contemporânea.<sup>9</sup>

Feitas essas considerações, a análise irá centrar-se, agora, mais diretamente na maneira como a imagem de causalidade natural, apresentada nesses dois fragmentos, pode ser harmonizada com as perspectivas éticas e políticas de Sólon. Com efeito, as alterações do *kosmos* natural fazem parte de um raciocínio de causa e efeito que a imagem tirada da meteorologia ajuda a visualizar: a neve e o granizo são gerados pela nuvem (*ἐκ νεφέλης πέλεται χιόνος μένος ἢ δὲ χαλάζης*), assim como o trovão vem do clarão do relâmpago (*βροντὴ δ’ ἐκ λαμπρῶς γίνεται ἀστεροπῆς*). No frg. 12, o mesmo princípio que explica a agitação do mar como natural consequência de um vento proceloso (*ἐξ ἀνέμων δὲ θάλασσα ταρασσεται*) é transposto para o domínio humano por meio de um termo inesperado, utilizado pelo poeta para ilustrar a tranquilidade imperturbável da superfície líquida: *dikaiotate*, “o mais reto”.<sup>10</sup> Com essa metáfora ousada e o uso habilidoso de uma palavra particularmente conotada com a esfera política e social, Sólon afirma que a mesma noção básica de *dike* opera tanto na natureza como

entre os humanos. O que acontece com o mar acontece também com o corpo social: de fato, a “quietude do mar” é uma metáfora viva para expressar o ideal social e político de uma comunidade regida por boas normas, em harmonia com o conceito que Sólon desenvolve, sobretudo, no frg. 4 (**Eunomia**).<sup>11</sup> Ao apresentar os frgs. 9 e 12 em justaposição, como se constituíssem um único poema, Plutarco espelha muito provavelmente a intenção de enfatizar o contexto naturalista em que Sólon concebe a pólis.

Nos versos 3-6 do frg. 9 (não preservado por Plutarco, mas transmitido por Diodoro, no passo antes evocado), o legislador adverte o *demos* contra os perigos de um governo autocrático, facultando, assim, uma interpretação etiológica para os fenômenos naturais em ambiente sociopolítico. Ao comentar o contexto de produção do poema, Diodoro (9,20) observa que, com esta elegia, Sólon procurou alertar os atenienses para a ameaça iminente da tirania de Pisístrato.<sup>12</sup> A influência excessiva de alguns elementos poderosos provoca a ruína da pólis (**ἀνδρῶν δ’ ἐκ μεγάλων πόλις ὀλλυται**) precisamente porque altera o natural equilíbrio social, da mesma forma que a concentração excessiva de autoridade em uma pessoa (**μονάρχου**) resulta na servidão dos outros cidadãos (**ἄθῆμος αἰδῶρι δουλοσύνην ἔπεσεν**).<sup>13</sup> É por isso que Sólon insiste na ideia de “restringir” (**κατασχεῖν**) a ação de um candidato a tirano, antes que seja tarde demais.<sup>14</sup> Na verdade, a subida ao poder de um tirano – e a consequente perda da liberdade – implica a destruição da própria ideia de uma verdadeira *dike* política.<sup>15</sup> Nos frgs. 4,24-25 e 36,7, a escravidão não é uma metáfora, mas uma dura realidade com que os atenienses tiveram que lidar antes do arcontado de Sólon. Porque ele conseguiu vencer aquela situação através das medidas políticas tomadas (o cancelamento de dívidas e a proibição de servidão por dívida), o poeta sente-se agora obrigado, já na velhice, a alertar os compatriotas contra o risco de uma diferente (mas igualmente degradante) forma de escravidão – a qual seria agravada pelo fato de que, desta vez, iria abarcar a totalidade do *demos*. No que respeita aos fenômenos naturais, os homens não têm capacidade para intervir a ponto de alterar os padrões climáticos, mas, com os fenômenos sociais e políticos, a comunidade tem a possibilidade real de atuar. Por conseguinte, deixar de fazê-lo é simplesmente um sinal de estupidez ou, na melhor das hipóteses, de ignorância.

Juntamente com o frg. 9, também os frgs. 10 e 11 são apresentados pelos *testimonia* como advertências contra a tirania de Pisístrato – quando era apenas uma ameaça ou quando era já uma realidade.<sup>16</sup> Que a ideia de tirania esteve muito presente na poesia de Sólon é indiscutível, ainda que

os seus sentimentos em relação a esta forma de governo nem sempre sejam inequívocos.<sup>17</sup> Tomando como referência novamente a **Vida de Sólon**, vale a pena referir que Plutarco insinua claramente (14,8-9), ao apresentar os poemas com que Sólon se dirige aos seus críticos (frgs. 32 e 33, os chamados tetrâmetros a Foco), que o estadista deve ter sentido a tentação de se tornar um tirano – ou, pelo menos, alguns dos seus apoiantes devem ter tido essa expectativa em algum momento durante o arcontado. Plutarco nega que o estadista quisesse tornar-se um tirano, mas a forma como descreve o comportamento de Sólon sugere que a sua forma de governo foi, pelo menos, “fortemente enérgica”. Vale a pena citar o passo em que ele faz esses comentários, porque suas palavras se entrelaçam com os versos de Sólon, provocando, assim, um efeito mais impressionante (**Vida de Sólon** 15,1):

*Ταῦτα τοὺς πολλοὺς καὶ φαύλους περὶ αὐτοῦ πεποίηκε λέγοντας. οὐ μὴν ἀπωσάμενός γε τὴν τυραννίδα τὸν πραότατον ἐχρήσατο τρόπον τοῖς πράγμασιν, οὐδὲ μαλακῶς οὐδ’ ὑπέικων τοῖς δυναμένοις οὐδὲ πρὸς ἡδονὴν τῶν ἐλομένων ἔθετο τοὺς νόμους· ἀλλ’ ἢ μὲν ἀρεστὸν ἦν, οὐκ ἐπήγαγεν ἰατρείαν οὐδὲ καινοτομίαν, φοβηθεῖς μὴ “συγγέας παντάπασι καὶ ταραξας τὴν πόλιν, ἀσθενέστερος γένηται τοῦ καταστήσαι ἄλλιν” (frg. 33a) καὶ διαρμόσασθαι πρὸς τὸ ἄριστον· ἃ δὲ καὶ λέγων ἤλπιζε πειθομένοις καὶ προσάγων ἀνάγκην ὑπομένουσι χρῆσεσθαι, ταῦτ’ ἔπραττεν, ὥς φησιν αὐτός*

*ὁμοῦ βίην τε καὶ δίκην συναρμόσας.* (frg. 36,16)

*Estas as palavras que sobre si pôe a turba mesquinha a proferir: No entanto, apesar de repelir a tirania, ele não dirigiu o governo da forma mais doce, e as leis promulgou-as não com fraqueza, nem recuando perante os poderosos nem para agrado dos que o haviam escolhido. Quando, porém, a situação era aceitável, não acudia com remédios ou inovações por receio de que, “se revirasse e transformasse totalmente a cidade, ela ficaria demasiado enfraquecida para assentá-la de novo e reordená-la da melhor forma”. Quanto às situações em que ele esperava que os concidadãos confiassem nas suas palavras e acatassem imposições, fazia isso mesmo, como ele próprio afirma:*

*a um tempo a força com a justiça harmonizando.*

Tendo como pano de fundo esta maneira “fortemente enérgica” de governar, seria agora altura de voltar à imagem da tranquilidade imperturbada da superfície do mar, que Sólon descreve no frg. 12,2 como **δικαιοσύνη**: “a mais reta”, “a mais justa” ou “a mais calma”.<sup>18</sup> Embora a tentativa de justificar essa metáfora ousada tenha captado com frequência a atenção dos estudiosos, ainda assim nunca foi sugerido, tanto quanto sabemos, o estabelecimento de uma ligação com um episódio que envolve o tirano Periandro (registrado também por Plutarco no **Banquete dos Sete Sábios**, 147C), relativo à expressão “cortar as cabeças” (**κολούσεις τῶν ἄκρων**). De acordo com Plutarco, teria sido Trasíbulo quem deu esse conselho a Periandro.<sup>19</sup> Em contexto político, a expressão é aplicada à imoderação característica da tirania e à tentação de livrar-se de forma violenta dos adversários (aristocratas) que poderiam disputar poder. Como resultado dessa ação, os cidadãos poderosos seriam eliminados e todos os membros da comunidade seriam colocados no mesmo nível, sob a tutela do tirano. A imagem usada por Sólon relativa à superfície tranquila e sem perturbações do mar como a situação “mais justa” e natural tem reconhecidamente uma inspiração muito diferente, mas talvez a sua motivação última não ande tão longe assim da imagem de um campo bem ordenado, onde a nenhuma planta foi permitido ser mais proeminente do que outra. No primeiro caso, esse objetivo seria alcançado através da *bia* excessiva e arbitrária de um tirano, enquanto que no segundo, foi conseguido **ὁμοῦ βίην τε καὶ δίκην συναρμόσας**, para usar o verso de Sólon – que pode constituir igualmente uma afirmação discreta do poder “tirânico” da lei.

#### PLUTARCH, SOLON AND THE POLITICAL METAPHOR OF THE QUIET SURFACE OF THE SEA

*Abstract: This paper analyzes some of Solon's verses (frgs. 9, 1-2 and 12 West) transmitted by PLUTARCH in the **Life of Solon**, as well as the comments made by the biographer on the structural meaning of these compositions in what respects the 'simplistic' philosophical thinking of the Athenian poet. Along with frg. 9, also frgs. 10 and 11 WEST are presented in their testimonies as warnings against the tyranny of Pisistratus. That the idea of tyranny was very present in Solon's poetry is undisputed, even if his feelings towards this form of government are not always unambiguous. Taking as a backdrop the notion of tyranny as a 'forceful way or ruling', a new explanation is proposed to the image of the undisturbed quietness of the*

sea's surface, which Solon describes in frg. 12,2 as **δικαιοσύνη**: 'the most righteous', 'the most just' or 'the most calm'.

**Key-words:** Plutarch; Solon; natural philosophy; tyranny; politics and maritime metaphors.

## Documentação textual

WEST, M. L. **Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati**. Vol. II. Oxford: Oxford University Press, 1992.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, J. A. **Justice as an aspect of the polis idea in Solon's political poems: a reading of the fragments in light of the researches of new classical archaeology**. Leiden: Brill, 2003.

ALT, K. Solons Gebet zu den Musen. **Hermes**, v. 107, p. 389-406, 1979.

BEHM, W.-D.G. **Solon von Athen und die Entdeckung des Rechts**. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2009.

BLOK, J. H. e LARDINOIS, A. P. (Eds.) **Solon of Athens: new historical and philological approaches**. Leiden: Brill, 2006.

GENTILI, B. La giustizia del mare: Solone, fr. 11D., 12 West. Semiotica del concetto di *dike* in greco arcaico. **Quaderni Urbinati di Cultura Classica**, v. 20, p. 159-162, 1975.

IRWIN, E. **Solon and early Greek poetry: the politics of exhortation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

JAEGER, W. ΗΜΕΤΕΡΗ ΔΕ ΠΟΛΙΣ. Solons Economie. **Sitzungsberichte der Preussischen Akademie der Wissenschaften**, v. 11, p. 69-85, 1926 [= EISENHUT, W.(Ed.) **Antike Lyrik**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p. 7-31, 1970].

LEÃO, D. F. **Sólon**. Ética e política. Lisboa: Gulbenkian, 2001.

\_\_\_\_\_. *A sophos in arms: Plutarch and the tradition of Solon's opposition to the tyranny of Pisistratus*. In: FERREIRA, J. R.; VAN DER STOCKT, L.; FIALHO, M. C. (Ed.) **Philosophy in society: virtues and values in Plutarch**, Leuven e Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p. 129-138.

\_\_\_\_\_. *The Seven Sages and Plato*. In: GIOMBINI, S.; MARCACCI, F.

(Ed.). **II quinto secolo**: studi di filosofia antica in onore di Livio Rossetti. Agualano: Officina del libro, 2010a, p. 403-414.

\_\_\_\_\_. A tradição dos Sete Sábios: o *sapiens* enquanto paradigma de uma identidade. In: LEÃO, D. F.; FERREIRA, J. R.; FIALHO, J. R. **Paideia e cidadania**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010b, p. 47-110.

LEWIS, J. D. **Solon the thinker**: political thought in archaic Athens. London: Duckworth, 2006.

MASARACCHIA, A. **Solone**. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1958.

NOUSSIA, M. Strategies of persuasion in Solon's elegies. In: BLOK, J. H.; LARDINOIS, A. P. (Ed.) **Solon of Athens**: new historical and philological approaches. Leiden: Brill, 2006, p. 134-156.

NOUSSIA-FANTUZZI, M. **Solon the Athenian**: the poetic fragments. Leiden: Brill, 2010.

REGGIANI, N. Giustizia e misura. Le riforme di Solone fra polis e cosmo. In: GHELLER, V. (Ed.) **Ricerche a confronto**: dialoghi danti chità classiche e del vicino oriente. Milano: Edizioni Saecula, 2013, p. 13-22.

RIHLL, T. E. Lawgivers and Tyrants (Solon, fr. 9-11 West). **Classical Quarterly**, v. 39, p. 277-286, 1989.

SALMON, J. B. 'Lopping off the Heads?' Tyrants, politics and the polis. In: Mitchell, L. G.; Rhodes, P. J. (Ed.) **The development of the polis in archaic Greece**. London: Routledge, 1997, p. 60-73.

SCHADEWALDT, W., **Lebenszeit und Greisenalter im frühen Griechentum**. Berlin: de Gruyter, 1933 [= **Hellas und Hesperien**, Zürich: Artemis Verlag, p. 41-59, 1960].

## Notas

---

<sup>1</sup> As bases de reflexão para este estudo foram apresentadas, pela primeira vez, num congresso do Réseau Plutarque, na Katholieke Universiteit Leuven, em setembro de 2013.

<sup>2</sup> Para uma introdução global a este tema, vide Leão (2010a; 2010b).

<sup>3</sup> Para uma análise global da poesia de Sólon, vide Masaracchia (1958, p. 201-362); Leão (2001, p. 401-458); Almeida (2003); Blok e Lardinois (2006, especialmente p. 15-172); Noussia-Fantuzzi (2010).

<sup>4</sup> Isso pode constituir igualmente um sinal do caráter lúdico de Sólon, visível também, por exemplo, na forma como decidiu designar a sua primeira medida emble-

mática, cunhando uma nova palavra para referir o cancelamento de dívidas – *seisachtheia*, que implica a ideia de “alijamento de um fardo” –, assim disfarçando a rigidez das medidas difíceis com um termo metafórico expressivo. Ao mencionar essa medida, Plutarco (**Vida de Sólon** 15,2-3) comenta ironicamente que os atenienses devem ter aprendido rapidamente com Sólon, porque “às prostitutas chamam ‘companheiras’, aos impostos ‘contribuições’, ‘vigilantes’ às guarnições das cidades, ‘casa’ ao cárcere”.

<sup>5</sup> Em especial, no frg. 18. Todas as citações da poesia de Sólon são feitas de acordo com a edição de West (1992).

<sup>6</sup> O fato de Sólon, juntamente com outras personalidades da época arcaica (talvez todo o grupo dos Sete Sábios), dar preferência à ética e à política no seu pensamento está perto da posição expressa por Dicearco – tal como vem exposta em Diógenes Laércio (1,40) –, segundo o qual essas personalidades não foram *philosophoi*, mas somente pessoas sagazes e legisladores (**ὁ δὲ Δικαίαρχος οὔτε σοφὸς οὔτε φιλοσόφους φησὶν αὐτοὺς γεγονέναι, συνετοὺς δὲ τινὰς καὶ νομοθετικούς**).

<sup>7</sup> “Solons tiefes neues Erleben des Göttlichen entspringt der Erkenntnis eines sinnvollen immanenten Gesetzes, das in dem sozialen Leben der Menschen waltet und von selbst einen gerechten Ausgleich schafft, ähnlich wie wenige Jahrzehnte später der milesische Naturphilosoph Anaximander kühn eine immanente *dikē* und *τίσις* in der Natur lehrt, die das Werden und seine Ungerechtigkeit durch das Vergehen der Dinge wieder kompensiert” (Jaeger, 1926, p. 24-25). Idêntica linha de argumentação é adotada por Schadewaldt (1933, p. 58); Gentili (1975, p. 160); Alt (1979, p. 397). Mais recentemente, Lewis (2006, p. 46-47), sustenta que os versos em análise “provide the raw material for an archaic understanding of causal necessity, which may share a common heritage with the explanations of the Presocratic philosophers”. Noussia (2006, p. 144-146), é inequívoca em aceitar a influência de Anaximandro, sustentando (p. 144) que “Solon’s principal idea of justice, *dikē*, as something ‘natural’ and his identification of it with the ‘stability’ of the sea when disturbing winds are absent was precisely the value *dikē* had in the cosmological system of Anaximander”. Noussia-Fantuzzi (2010, p. 312-313) alarga as mesmas especulações naturalistas também a Anaxímenes e Heráclito.

<sup>8</sup> Para mais pormenores, vide Leão (2001, p. 246-250; p. 275-277).

<sup>9</sup> PLUTARCO poderia ter esta ideia em mente quando considera (3,6) que, no respeitante a questões éticas e políticas, Sólon se posicionava “da mesma maneira que a maioria dos sábios de então” (**ὥσπερ οἱ πλεῖστοι τῶν τότε σοφῶν**).

<sup>10</sup> LEWIS, 2006, p. 157, traduz a expressão **πάντων ἐστὶ δικαιοσύνη** por “the justest (most calm) of all things”. GENTILI, 1975, p. 160-161, destaca a noção de “equilíbrio statico” transmitida pelo termo **δικαιοσύνη**, chamando a atenção para a expressão latina *mare aequatum* (cf. VARRÃO, **Língua Latina** 7,23) como sendo

um equivalente apropriado para o termo grego. REGGIANI, 2013, p. 17, sugere que o poema tem ressonâncias cosmogônicas que evocam a ideia da *euthesia* (“correta stabilità”) e da *eukosmia* das águas primordiais.

<sup>11</sup> Conforme foi salientado já por MASARACCHIA, 1958, p. 301-302, que sublinha ainda (p. 300) que a ideia de comparar a massa do povo com o mar – umas vezes calmo e outras turbulento, consoante é perturbado por fatores externos como o vento – se encontra já presente em HOMERO (e.g. *Iliada*, 2,144-145; 394-397). Para uma análise mais extensa dos frgs. 4 (**Eunomia**) e 13 (**Elegia às Musas**), e da forma como expandem as ideias de Sólon sobre uma pólis bem ordenada, e sobre a relação entre causa e efeito / falta e punição, vide LEÃO, 2001, p. 409-416; p. 428-434.

<sup>12</sup> RIHLL, 1989, argumenta que esse poema, assim como os frgs. 10 e 11, se referem a Drácon e não a Pisístrato. No entanto, os testemunhos antigos são muito mais favoráveis à segunda hipótese – e, portanto, à ideia de que os poemas foram compostos depois do arcontado de Sólon – e, de fato, não há razões imperiosas para ir contra essa interpretação. Sobre a tradição do comportamento teatral de Sólon na forma como se opôs à tirania de Pisístrato, vide LEÃO, 2008.

<sup>13</sup> Neste contexto, o termo *demos* tem um sentido muito amplo, pois abrange todo o corpo de cidadãos com exceção do *monarchos*, aprofundando assim o fosso entre o *demos* e o *hegemon*, que impõe a sua autoridade. LEWIS, 2006, p. 110-111, argumenta a favor da leitura **τυράννου** sobre **μονάρχου** no verso 3 do frg. 9. DIODORO registra **μονάρχου** no passo antes citado (tal como DIÓGENES, 1,50), mas em outro ponto (19,1,4) usa **τυράννου**. NOUSSIA-FANTUZZI, 2010, p. 315-316, sublinha que *tyrannos* teria sido a expectativa natural, já que é um termo mais usual do que *monarchos*, embora este último possa ter parecido mais adequado a Sólon para expressar a ideia do poder monopolizado por uma única pessoa.

<sup>14</sup> BEHM, 2009, p. 179-180, sustenta que o verbo **κατέχειν** é usado para sugerir a manutenção do equilíbrio ou *kosmos*, prevenindo assim o excesso (‘Zuviel’) ou a escassez (‘Zuwenig’) de intervenção da massa do povo. Cf. frgs. 9,3-6 e 37,7-10.

<sup>15</sup> Para recorreremos à expressão de ALMEIDA, 2003, p. 201: “true political *dike*”.

<sup>16</sup> NOUSSIA-FANTUZZI, 2010, p. 309-311, afirma, com razão, que, embora os testemunhos favoreçam a identificação da ameaça com Pisístrato, uma expressão como **ἀνδρῶν δ’ ἐκ μεγάλων** (frg. 9,3) pode designar de forma genérica os aristocratas que o *demos* levou inconscientemente ao poder.

<sup>17</sup> Sobre a ambiguidade da linguagem relativa à tirania nos poemas de Sólon, vide IRWIN, 2005, p. 205-261.

<sup>18</sup> MASARACCHIA, 1958, p. 301, e NOUSSIA-FANTUZZI, 2010, p. 320, sugerem a comparação com HERÓDOTO, 7,16,5, para uma referência metafórica semelhante à tranquilidade do mar, provavelmente a mais antiga referência datável

após Solon. Heródoto usa um adjetivo diferente (**χρησιμωτάτη**), embora também no grau superlativo, como acontece com o termo **δικαιοσύνη** utilizado por Sólon.

<sup>19</sup> Heródoto (5,92,6) também afirma que Trasíbulo fez esta sugestão a Periandro. No entanto, de acordo com Aristóteles (**Política**, 5,1311a20-22), foi Periandro quem deu o conselho a Trasíbulo e não o contrário. Sobre o uso desta expressão, vide SALMON, 1997.